

UM LUGAR-COMUM DO CONTEMPORÂNEO: A VALORIZAÇÃO NARRATIVA DO ACASO

Andre Rangel Rios

Mestre em Literaturas de Língua
Portuguesa pela Pontifícia
Universidade Católica de Minas
Gerais.



Resumo

acaso na literatura contemporânea é, primeiramente, comentado com base em Aristóteles e na discussão dos mundos possíveis desenvolvida na Escolástica Tardia. A seguir, é indicado que o debate mais recente da dimensão semântica, que é instável e inerentemente mutável, leva a um afastamento do entendimento teológico-metafísico, possibilitando uma compreensão diferente e provocativa do acaso e sua imprevisibilidade em diversos romances modernos e contemporâneos. No entanto, também fica indicado que há romances contemporâneos que seguem se referindo ao acaso, considerando-o apenas dentro dos conceitos teológico-metafísicos.

Palavras-chave: Acaso. Romance contemporâneo. O evento livro.

O que é ler um livro? Quando se começa a ler um livro? Quando a leitura se conclui? O que é esse encontro com um livro? Existe isso: um livro enquanto tal, isolado, ou cada livro é sempre apenas uma parte de um grande livro, um livro múltiplo e automultiplicante, tanto sem limites quanto sem unidade, nem tanto um livro só, mas um somatório de livros, com textos sobrepostos e interreferenciando-se amplamente? Um livro é um evento. Por exemplo, *Triz* (Süssekind 2011) é um evento, mas as mesmas questões valem para o que é que seria um evento. Como recortar um evento de outros tantos eventos que a ele se sobrepõem? Como diferenciar o evento “o livro *Triz* foi lançado em 2011” do evento “existem livros”? Como diferenciar o evento-livro *Triz* dos tantos outros eventos-livro

que narram jogos (corridas de cavalo ou jogos de cartas), o Rio de Janeiro, as surpresas do cotidiano (tal como a criminalidade

urbana) ou os encontros/ reencontros sociais fortuitos (o reencontro romântico do narrador com Bia), a possível autorreferencialidade biográfica (dado que o autor signatário, tal como o personagem principal, também é tradutor)? Em muito, o evento-livro **Triz** consiste em não mais que na confluência de outros tantos livros, outras tantas narrativas, sobre os mesmos temas em suas mais diversas variantes.

Esse evento-livro se autodenomina **Triz**. É comum que se fale “escapei por um **triz**” ou “errei por um **triz**”, tal como se um desfecho estivesse já praticamente determinado, mas, por um **triz** (ou seja, contrariamente ao esperado), digamos, surpreendentemente, aconteceu um outro desfecho. Por um **triz** – por um acaso – aconteceu o menos provável, o inesperado.

Triz se inicia com uma afirmação bem categórica:

Por mais disputada que seja a corrida, há sempre um único desfecho que se impõe à poesia dos futuros imaginados. (SÜSSEKIND, 2011)

E o parágrafo segue falando sobre probabilidades e sobre o apostador buscar o resultado vantajoso. Nesse primeiro capítulo, o personagem-narrador está no Jôquei. Ele e seus amigos estão, portanto, apostando em cavalos. O breve trecho citado já é um plágio ou, digamos, uma citação pós-moderna de vários outros livros, como por exemplo, **O jogador**, de Dostoiévski. Se bem que é também uma alusão a toda a literatura russa. No entanto, não é so mente a literatura que é aludida, mas também a filosofia.

Nessa frase sobre acontecimentos futuros terem, ou não, já bem antes de ocorrerem “um único desfecho” está ninguém menos que Aristóteles se perguntando se haverá ou não uma batalha naval amanhã, assim como se a afirmação “haverá uma batalha naval amanhã” é verdadeira ou falsa, se é que ela não teria um valor verdade controverso que seria o de nem ser verdadeira nem ser falsa. O texto de Aristóteles é complicado e não é, afinal, somente ele que está sendo, por assim dizer, pós-modernamente citado, porque essa frase se refere ainda a inflamadas disputas teológicas do século XVI e XVII: “os futuros imaginados” nos levam aos *futura contingentia* da Escolástica Barroca. Os “futuros imaginados” podem ser entendidos como uma referência a todos os futuros que Deus, em sua onisciência, pode antever, além de poder também prever, dentre tantos futuros – dentre tantos mundos possíveis

– que poderiam ter sido qual é o único que virá a ser e que, no caso, é este que está sendo agora.

De fato, na teologia cristã, Deus é onisciente e onipotente, de modo que ele tem de saber tudo o que acontecerá, inclusive porque, se Ele não soubesse qual o cavalo que correria mais, Ele não poderia fazer uso de sua onipotência e pôr o cavalo para correr mais que os outros e chegar primeiro. Deus não pode se sentar na arquibancada e simplesmente ficar observando qual o cavalo que chegará primeiro, porque, se Ele não fizer uso de sua onipotência mantendo o que existe existindo e, assim, mantendo os cavalos correndo, tudo desaparece.

Deus não somente cria as coisas, mas as mantém existindo. Para esses escolásticos, também a vontade é um movimento na alma. Ainda que para eles a alma não seja material, ela seria algo “físico”, enfim, algo diferente da matéria, mas, mesmo assim, algo “físico”, de modo que, se Pedro, vendo uma garrafa de vinho sobre a mesa, sente vontade de beber um pouco dele, é porque ocorreu em sua alma um movimento físico que é essa vontade de beber vinho. Deus, portanto, tem de ter previsto que, se Pedro visse a garrafa em cima da mesa, sentiria vontade de beber vinho. Seria porque a vontade de Pedro é livre, ainda que sugestionável (o que não suprime sua liberdade), que Pedro decidiu tomar uma caneca do vinho. Se a vontade de Pedro é livre, ele, ao ver a garrafa de vinho, poderia querer ou não querer beber, mas, dessa vez, ele quis, de modo que Deus tem de ter previsto que Pedro, desde a criação deste mundo, iria querer, nessa ocasião específica, beber vinho, de modo que Deus pôde, quando Pedro viu a garrafa, concorrer com sua onipotência, que é tanto criadora quanto mantenedora, para que houvesse na alma de Pedro o movimento livre da vontade de beber vinho. Pedro mesmo não sabia que iria querer beber vinho, mas Deus sabia: e somente porque Deus sabia é que pôde ocorrer na alma de Pedro o movimento livre de sua vontade de querer vinho.

Não vou expor os intrincados debates escolásticos sobre como Deus pode prever o ato de vontade livre de um ser humano sem que, ao concorrer para que o movimento livre da vontade na alma dele se realize, o esteja determinando, suprimindo a liberdade. Foram inúmeros argumentos criativos que foram propostos. Entre esses, destaco, no entanto, a ideia que, segundo Sven Knebel (2000), seria um forte antecedente para o surgimento do conceito de probabilidade no século XVII, assim como para o desenvolvimento das teorias matemáticas a ele relacionadas. Uma anedota pode servir para explicar essa

ideia rapidamente: se mil pessoas passarem por uma sala em que há uma moeda de outro sobre a mesa, uma delas, exercendo livremente sua vontade, a irá furtar. O que é proposto aqui é a *necessitas moralis*. Daí o escolástico Herrera perguntar:

Se é necessário que ocorra uma ofensa ou um pecado grave num grupo de mil pessoas, e novecentos e noventa e nove não pecaram, então pergunto se, devido a uma necessidade moral, seja eu, que sou o milésimo, quem gravemente delinquirá? (HERRERA, *Tractatus de voluntate Dei*, Alcalá, 1673 [citado por Knebel 2000])¹

¹ An si necessarium sit scandalum sive peccatum grave inter mille homines, et nonaginta novem non peccaverint, an, inquam, necessarium moraliter sit me, qui millesimus sum, graviter delinquere.

Nesse caso, a vontade do milésimo não teria sido influenciada fisicamente por Deus, ou seja, Deus não teria forçado em sua alma um movimento da vontade que levasse ao pecador querer roubar, mas, sim, Deus teria previsto que essa milésima pessoa (se nenhuma outra antes tivesse sido o milésimo a querer livremente roubar a moeda) devido a uma necessidade moral a roubaria.

Seja como for, Deus pode calcular qualquer ato da vontade de um ser humano. Ora, muito mais fácil é para Deus calcular que cavalo correrá mais e vencerá a corrida. No Jóquei não há nenhum mistério para Deus: ele sabe que cavalos ganharão e em que cavalos os apostadores apostarão. No Jóquei, só há mistério, só há risco, só há acaso, para os humanos que, com suas mentes finitas, não conseguem pré-calcular por vezes nem mesmo se irão ao Jóquei naquela noite; se indo, se decidirão a apostar; e, se apostando, em que cavalo porão seu dinheiro; ainda menos podem realmente calcular se ganharão a aposta. No Jóquei, Deus conhece todos os “futuros imaginados” por Ele: do ponto de vista de sua onisciência nada é por poucos centímetros ou por poucos segundos, nada é por um triz, e sim tudo é já bem determinado, sem surpresas.

O que se passa com essa visão teológico-metafísica é que tudo se transformou em algo “físico”, como que em um objeto, de modo que todas as combinações entre “objetos”, tanto “as combinações que poderiam ter acontecido, mas não aconteceram” quanto “as que poderiam ter acontecido e foram exatamente as que aconteceram” são pré-calculadas. Não há nada, segundo a Escolástica Tardia, que exista que não tenha sido calculado, ou seja, no modo que se pensa hoje, bem após a proclamação do “linguistic turn”, se teria de dizer que nada acontece. Realmente se pode aceitar que seja possível calcular todos os eventos físicos: os eclipses ou a órbita da Terra em

torno do Sol. No entanto, ao se passar a aceitar que a Terra não é o centro do universo, pondo-a a girar em torno do Sol, assim como pondo todo o sistema solar a vagar pelo espaço, muda a própria percepção do ser humano de si mesmo. Muda inclusive o que ele pode pensar em relação a Deus. Pode levá-lo a nem dar mais a mesma importância que dava a Deus ou a recusar dar ouvidos àqueles que se arrogavam a posição de seus representantes. Movimentos físicos podem ser calculados, ainda que nem sempre tenhamos os dados necessários para prevêê-los, ou seja, ainda que, quando não os calculamos, nos surpreendam, eles, a rigor, não são acontecimentos ou, como dizem alguns franceses, *événements*. Os *événements*, digamos, os “eventos” se dão na medida em que os deslizamentos semânticos são incalculáveis.

Assim, embora o acaso, ou seja, o fato de acontecerem coisas que não foram previstas e, assim, nos surpreendem, seja um lugar comum em narrativas contemporâneas, nas quais os personagens se mostram com pouco controle de suas vidas, sendo sempre ou atormentados por males não antevistos ou rejubilam-se com uma reviravolta nos sentidos.

Reviravoltas semânticas eram conhecidas na Antiguidade. Os “incorporais” dos estoicos, um conceito particularmente incensado por Deleuze não foi assimilado pela herança com a qual a Escolástica medieval desenvolveu seus principais debates. No entanto, a mudança súbita na compreensão de um debate ou de um contexto, era tema, por exemplo, na retórica, que era um saber bem vivo na Idade média, com o conceito de *kairós*, ou seja, em uma discussão um orador A, que, suponhamos, tivesse todas as razões para que a assembleia decidisse por não declarar guerra aos cartagineses, poderia perder a discussão para o orador B que, calado, ficasse provocando A a falar e a expor seus numerosos argumentos (o que seria um erro retórico, pois se deveria sempre reter argumentos para serem usados em algum contra-ataque), de modo que, quando a assembleia estivesse cansada de ouvir A falar, B, aproveitando a ocasião, sem apresentar argumentos bem fundamentados, poderia simplesmente dizer: “seu problema, meu caro A, é que você fala muito, mas é hora de partirmos para a ação e de destruirmos os cartagineses”. Por mais que alguém tivesse conseguido calcular que palavras A ou B falariam, não teria atingido o evento que a inversão semântica possibilitada pelo *kairós* – pelo tirar proveito do momento exato em que uma oportunidade surge – traria. No entanto, os escolásticos nãoconcordariam, porque para eles não há sentidos que deslizam e se invertem, mas

movimentos “físicos” nas almas dos membros da assembleia e, portanto, acontecimentos calculáveis; para eles, de fato, seriam incompreensíveis conceitos freudianos como o de *Nachträglichkeit* (para Lacan: *après-coup*).

O que vemos, portanto, é que há dois modos de entender o acontecimento que nos surpreende: reduzi-lo a algo de “físico” e calculável, imprevisível apenas para os humanos com suas mentes finitas ou entendermo-nos imersos em sentidos, como sendo-no-mundo, sem outro ponto de vista senão o dos nossos deslizamentos interpretativos constantes e incontíveis.

Noséculo XIX (que não necessariamente cessou completamente, ao menos na prática literária), alguns escritores, recorrendo a técnicas aperfeiçoadas no naturalismo, buscaram estabilizar os sentidos sempre mutantes das narrativas tentando reduzi-los a causas socioambientais, ou seja, mantiveram-se na moldura teológico-metafísica herdada do pensamento cristão, que eles, paradoxalmente, em geral abominavam. Bem diferentes são os textos de Proust ou de Kafka, nos quais os sentidos saltitam e pululam para todos os lados.

Talvez a maioria dos escritores contemporâneos – excluindo os neonaturalistas (uma larga fatia) –, de fato, narrem a surpresa e o incalculável. No entanto, quantos deles ainda se mantêm na moldura teológico-metafísica do acontecimento “físico” é a questão que deixo em aberto. Do mesmo modo, porque não quero que este meu ensaio seja um *spoiler* do **Triz**, deixarei para vocês o prazer de o lerem para decidirem por vocês mesmos se o **Triz**, indo além de sua primeira frase em que a aposta é calculável, vem – ou não – a cultivar a contemporaneidade da instabilidade semântica.

ABSTRACT:

Chance in the contemporary literature is, at first, discussed resorting to Aristotle and the Late Scholastic debate on the possible worlds. Second, it is pointed out that the more recent debate on the semantic dimension, which is unstable and inherently changeable, leads to a departure from the theological-metaphysical doctrines, making possible a fresh and provocative understanding of chance and unforeseeability in many

modern and contemporary novels. However, it is also argued that some contemporary novels remain within the theological-metaphysical understanding.

Keywords: Random. Contemporary novel. The book event.

REFERÊNCIAS

KNEBEL, Sven K., *Wille, Wurfel und Wahrscheinlichkeit. Das System der moralischen Notwendigkeit in der Jesuitscholastik 1550-1700*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2000

SÜSSEKIND, Pedro. *Triz*. São Paulo: Editora 34, 2011